

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA  
RITA

## O ELEFANTE GOLIAS

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

**N**OS tempos em que era jovem e cheio de vida, o elefante Golias fôra um az em habilidades. Fizera grande sucesso em todos os circos onde trabalhara. Ele andava sôbre bolas, disparava pistolas, saltava à corda, atravessava arcos de papel, sentava-se à mesa e comia com o garfo, servido por um criado macaco. Mas quando as pernas lhe começaram a fraquejar e a vista a enfraquecer, o domador resolveu mandá-lo, outra vez, para a selva, onde ele nascera.



Bem merecia uma velhice feliz, pois bastante trabalhara em proveito do dono que assim lhe pagava o muito que lhe devia.

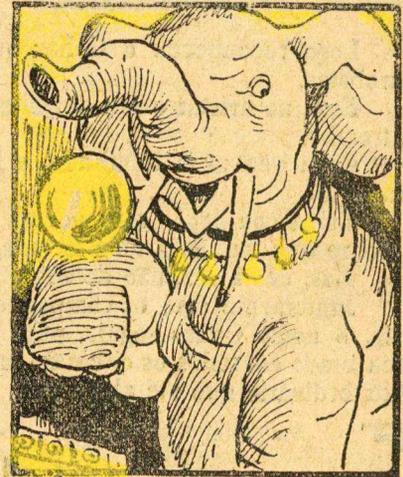
Quando o Golias chegou à floresta ficou doido de alegria! Tornava a meter a tromba nas árvores, carregadas de frutas que há tanto não lhe entravam na bocarra gulosa!...

Soltava roncões de contentamento, dava pulos de regosijo!... Mas depressa sentiu a nostalgia dos aplausos do público, a que se habituara...

Foi, então, que se lembrou de mostrar as suas habilidades à bicharia da selva.

Juntava os companheiros, à sua roda, nas clareiras da floresta, e ali executava os exercícios que eram o pasmo dos outros bichos. Só os macacos não o tomavam a sério!

Do cimo das árvores onde viviam encarrapitados, atiravam-lhe

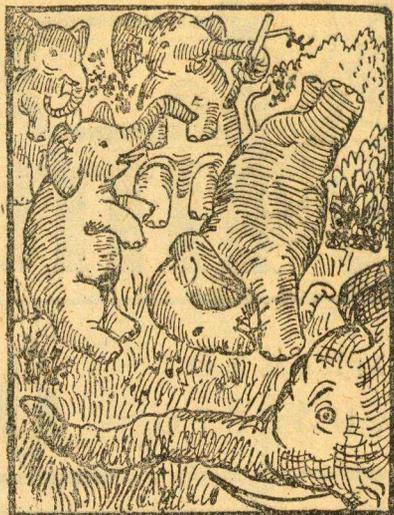


bananas, côcos e mais objectos à tromba e o Golias via-se e desajava-se, para não falhar os números complicados do seu programa. E guinchavam e berravam:

— Também nós somos uns ágeis monos. Damos pinotes, fazemos sortes, cá nos espaços, como os palhaços! —

Mas os papagaios e os piriqritos palravam esta arença, cheios de entusiasmo:

— Viva o elefante, que é um tunante!... Pois na floresta é uma festa, vêr o Golias fazer folias! —



O caso é que, daí a pouco tempo, o nosso elefante tornou-se professor dos outros elefantes da selva.

Uma escola se abriu, onde todos eles vinham aprender.

Os côcos serviam de bolas; com as hastes das palmeiras, jogavam o páu; tocavam gaitinhas, feitas das canas do canavial, dançavam polcas e faziam outras habilidades que nunca haviam sonhado, ali metidos na floresta.

Aconteceu, um dia — tudo acontece na vida! — o domador do Golias ter necessidade, para a sua «ménagerie» de mais elefantes que iria domesticando e depois apresentaria.

O homenzinho embrenhou-se pela floresta dentro, e — acasos da sorte! — veio dar ao mesmo sítio, onde abandonára o antigo discípulo.

Quando esperava ser mal recebido, ter mesmo de lutar com os animais selvagens, ficou parvo de espanto com o que viu!

Uma data de elefantes, elefantões, e elefantinhos, faziam exercícios extraordinários e pareciam muito satisfeitos, por ter ali um espectador para assistir às suas artísticas exhibições.

Logo reconheceu o Golias que era o director dos elefantes acrobatas.

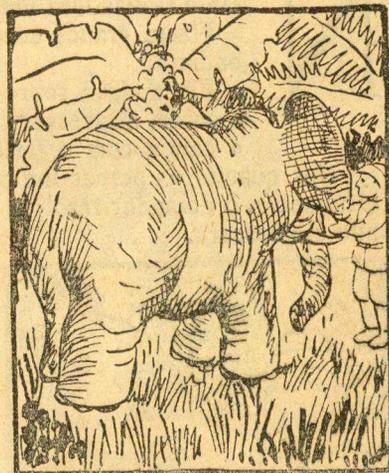
Este, ao avistar o seu domador, veio dar-lhe um beijinho com a tromba.

Cada vez mais admirado, o homem não queria crer em tal prodígio!

Embarcou logo, com aquela enorme e sábia «troupe», um tesouro que lhe daria uma fortuna, pela certa!

Mas, desta vez, não deixou o Golias na selva.

Juntamente com os companheiros que ensinára, com tal mestría, o nosso Golias seguiu, para apresentar os seus discípulos e deu brado em todos os circos do mundo, como o domesticador mais extraordinário que até ali se vira.



## CHARADAS COMBINADAS

a + na = Nome  
al + to = Parente  
sa + na = Proprietária  
lo + co = Pau

Conceito: *Relato cómico*

ho + to = Ave  
co + la = Gôma  
ri + ra = Dança /  
o + co = Vazio

Conceito: *Labrêgo*

+ ma = Leito  
+ ma = Copa  
+ sa = Objecto de uso  
+ to = Jôgo

Conceito: *Gulodice*

# AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ

POR MANUEL FERREIRA

Na mesma rua, moravam dois petizes, Pedro e Artur.

Pedro era moreno, ponderado e metódico. Artur era louro, leviano e desarranjado. Eram diferentes em tudo.

Ainda noutra coisa se não pareciam:

— Pedro era pobre e Artur era rico.

Andavam na escola primária. Aplicado, Pedro recebia, constantemente, elogios dos mestres, enquanto Artur se descuidava na aplicação aos trabalhos.

Como recompensa, por seu filho ter sempre boas notas, o pai de Pedro, um honesto mas pobre trabalhador, dava-lhe, ao domingo, algum dinheiro. E dizia-lhe:

— «Toma lá, para comprares bôlos ou rebugados».

Agora, os meus meninos não vão supôr que êle gastava o dinheiro em guloseimas. Isso sim! Amealhava...

O mesmo já não acontecia ao menino rico.

Gastava tudo o que lhe davam e ainda pedia aos condiscípulos.

Um dia, dirigiam-se para a escola, dois condiscípulos a conversar, quando uma vêlhinha se acercou dêles, dizendo:

— «Dêem-me esmolinha, por amor de Deus... Há dois dias que não como nada...»

Artur passou indiferente; porém, Pedro que, embora fôsse económico, tinha bom coração, tirou da bolsinha uns cobres e deu-lhe:

— «Tome lá, avózinha...»

A vêlhota, com lágrimas nos olhos, agradeceu muito ao seu pequenino bemfeitor. E Artur, que tinha também o defeito da emulação, procurou nos bolsos e disse, dirigindo-se à velha:

— «Espere aí, que eu já lhe dou uma esmola!»

Os meus meninos estão a ver a cara com que Artur ficou, ao procurar nas



algibeiras o dinheiro e não encontrando nada!

Então, Pedro, querendo desculpar a soberba do companheiro, disse à vêlhinha:

— «Coitado! Esqueceu-se da carteira... Mas, avózinha, eu dou-lhe também alguma coisinha por êle...»

E, abnegado e bom, Pedro deu à pobre velha a merenda que havia trazido de casa...

A mendiga agradeceu muito a Pedro e afastou-se, enquanto Artur, humilhado pelo sucedido, não se atrevia a levantar os olhos do chão.

\* \* \*

Os anos passaram. O pai de Pedro morreu, cheio de dívidas causadas pela doença. Mas Pedro, com as suas economias, saldou os seus compromissos e dispôs-se a lutar pela vida.

Tendo conseguido uma colocação em África, partiu para lá. Porque não fôra avaro, Deus ajudou-o, dando-lhe uma fortuna. Quando regressou, adquiriu uma linda casa nos arredores de Lisboa.

A Artur, entretanto, tinha-lhe morrido, também, o pai. Cheio de dívidas e não tendo com que ocorrer às despesas, o rapaz, que além disso não tinha uma instrução cuidada, teve de recorrer a ocupações inferiores. Como tudo o que ganhava, gastava em extravagâncias, nunca tinha dinheiro.

Uma vez, despedido pelas suas poucas qualidades de trabalho, Artur teve de estender a mão à caridade, como os mendigos de quem êle outrora desdenhava.

\* \* \*

Um dia, pela estrada fóra, arrastava-

-se ao peso dos andrajos e das privações um mendigo precocemente velho.

Chegou à porta de uma residência nos arredores de Lisboa. Era uma linda casa à antiga portuguesa, rodeada por um formoso jardim. Respirava saúde o ambiente. A porta, uma trepadeira enleava-se num alpendre. As andorinhas vagueavam em torno do ninho.

O pobre bateu à porta. Uma criada veio abrir. Foi dentro e, momentos depois, convidava-o a entrar na cozinha, para comer uma sopa.

Pedro aparecendo entretanto, começou a palestrar com o mendigo:

— «E' de cá?»

— «Não, meu bemfeitor. Sou de Lisboa...» — disse êle, a custo.

— «Deve sofrer muito. Pobre homem...»

— «Oh, se sófro! E quando me lembro que é por culpa minha...»

— «Por culpa sua? tornou Pedro. Como pode ser isso?»

— «Sim; por eu não ter sabido, no devido tempo, o que era o amor ao estudo e à economia... Andei na escola e tive lá um condiscípulo que era um exemplo, exemplo que eu, infelizmente, não segui...»

Pedro preguntou, comovido:

— «Como se chama, bom homem?»

— «Artur Dias...»

— «Oh! a que estado tu chegáste. Eu é que fui êsse antigo condiscípulo de quem tu falas. Sou o Pedro...»

E caíram nos braços um do outro...

\* \* \*

Por êste conto, os meus meninos vêem que a economia tem as suas vantagens e que sem sermos avarentos, devemos sempre amealhar para o futuro.

Ninguém pode prevêr as voltas que o mundo dá!...



# UMA EXPLORAÇÃO ARRISCADA

POR MARIA DOS MILAGRES

**O** Augusto e a Margarida, ou antes, Jaduca e Begaga, como toda a família os conhecia, eram dois manos muito amigos e bons meninos. O Jaduca tinha quatro anos e a Begaga sete. Esta diferença de idades fazia com que a pequena se julgasse já uma senhora ao pé do irmão e tornava-a sua conselheira e protectora.

Viviam fora de Lisboa numa grande quinta, onde passavam os dias em alegres brincadeiras mas sem nunca se afastarem de casa, pois a propriedade era enorme e os pais receavam que eles se perdessem.

O Jaduca não precisava de ir mais longe que o jardim onde havia um tanque com peixinhos encarnados e onde ele deitava barcos de papel; mas a Begaga tinha imensa vontade de aventurar-se pela quinta adiante e conhecê-la em todos os seus cantinhos. Um dia, sem pedir licença, decidiu-se a fazer esta exploração e convidou o irmãozinho a acompanhá-la. Este não queria porque tinha medo dos açoites dos pais, mas a Begaga lá o convenceu de que ninguém saberia, e puzeram-se a caminho. Era a hora da sesta e os pequenos afastaram-se sem serem vistos pois todos os criados dormiam e os pais estavam dentro de casa.

Foram andando, andando, um pouco inquietos mas interessados com o que viam pela primeira vez. Chegaram em frente dum vasto campo semeado de trigo e meteram-se por um caminho que o atravessava. Quando tinham já andado um quilómetro, voltaram-se para traz e já não viram nem o ponto de partida nem o carroiro. Estavam metidos dentro do trigo que era mais alto do que eles e que lhes tapava o caminho a seguir. Ficaram aterrados. O Jaduca agarrou-se ao bibe da irmã e começou a choramingar, mas esta, querendo manter a sua autoridade e lembrando-se dos livros de viagens que lera, fingiu-se muito senhora de si e disse-lhe :

— «Não chores, não tenhas medo. Precisamos de muita serenidade porque estamos perdidos numa floresta virgem e temos de quebrar ramos para abrir caminho».

O pobre Jaduca, porém, aflitíssimo com aquelas grandes ervas que o cercavam, picando-lhe a cara e com os insectos voadores e carochas, que via, chorava a bom chorar e não pensava em cortar ramos como a Begaga dizia. Esta, então, começou, decidida, a arrancar e a partir todos os pés de trigo que podia e, no fim de muito tempo, lá conseguiram sair do tragal, onde fizeram um estrago enorme, cansadíssimos, cheios de calor e com as mãos inchadas. Estavam livres da floresta virgem e dos bichos tremendos que a povoavam !

Muito contentes, sentaram-se, então, à sombra duma árvore a descansar. Quando se dispunham a continuar no seu passeio, um barulho de estalar de folhas, imobilizou-os. Viram, horrorizados, uma grande cobra de listas verdes e amarelas que se arrastava na direcção deles. Desta vez não foi o Jaduca que se assustou mas sim a Begaga. O petit, não sabendo que espécie de bicho era aquele, tão estranho e bonito ao mesmo tempo, olhava-o como que petrificado, mas a irmã que já conhecia alguma coisa de zoologia gritou :

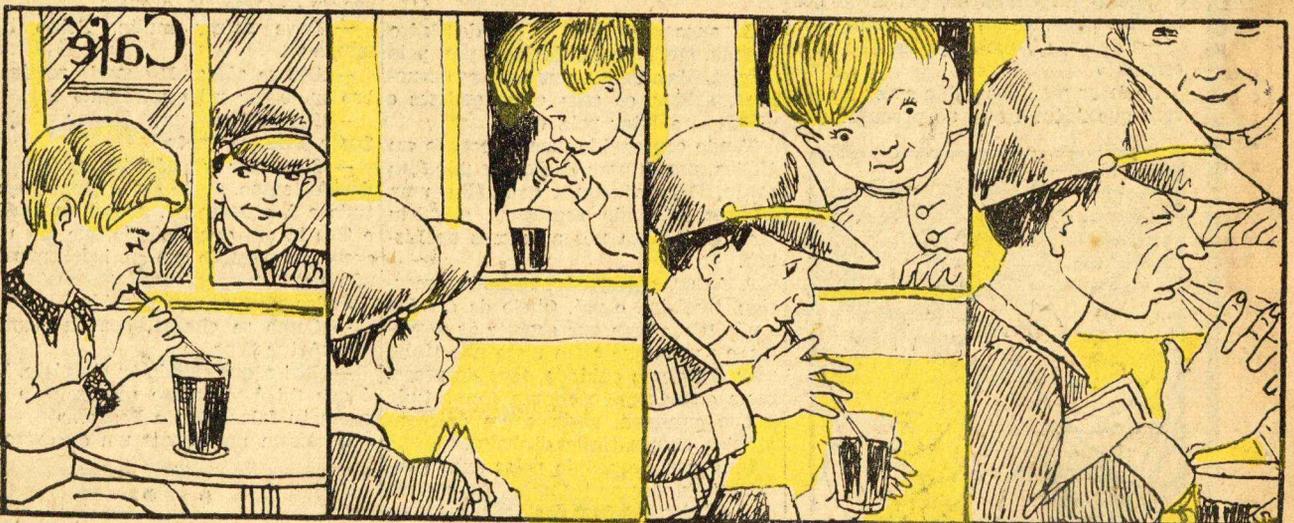
— «Meu Deus ! Que medonha serpente ! É uma giboia !»

— «Uma serpente ! Ai que grande serpente !» — gritou também o Jaduca já cheio de medo.

Então, de repente, desataram a fugir, correndo



## C A R A P I N H A D A S



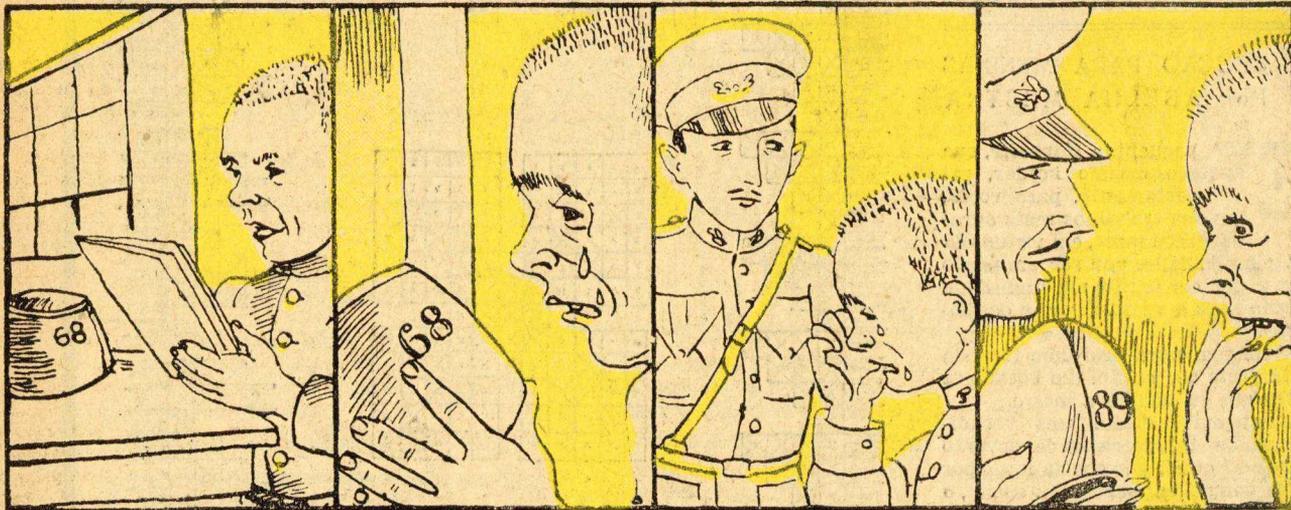
O ardina Tónio vê, através da porta envidraçada duma pastelaria um pequenito a tomar uma carapinhada por uma palhinha.

Decorridos dez minutos, ao passar noutra rua, vê um garoto, à janela dum rez-do-chão, que se dispunha a fazer baldezinhos de espuma, com uma palhinha na boca.

Cuidado tratar-se duma carapinhada, pede-lhe que o deixe chupar, também, na palhinha.

Mas, engolindo uma porção de água com sabão, exclama, cuspidinho : — «Oh ! que porcaria são as carapinhadas !»

# O 89,, E O "68,,



Certo dia, na caserna, o recruta «89», num maço onde se encaderna o relato em que se prove a conduta militar, viu, com seu ar pouco afoito, que o cabo «68» ia um castigo apanhar.

Olhando para o boné, — (onde o número, a brilhar, se encontrava ali ao pé mas de pernas para o ar) — o estúpido «89», vendo o número invertido, começa em tal alarido que em todo o quartel se ouve.

O oficial de serviço, por sinal um capitão, indaga logo a razão de tão grande reboliço. E o magala, num banzé, diz-lhe que foi castigado, pois que lhe fora alterado o número do boné.

Invertendo a posição em que ele tinha o boné, diz-lhe, entanto, o capitão, rindo do estúpido: — «Lê!...» Então, respirando a custo, o «89», com birra, volve: — «Ah, meu capitão, irra que não ganhei para o susto.»

tão depressa quanto podiam e sem se atreverem a olhar para traz.

A Begaga agarrava a mão do irmão e puxava-o tanto, que os péritos do pequeno quasi nem tocavam o chão. Durou bastante tempo esta corrida mas, por fim, tiveram que parar, exaustos. Da cobra, nem sombras está claro e os fugitivos respiraram aliviados. Estavam todos arranhados pelas silvas que os tinham roçado durante o caminho e o Jaduca esfolara os joelhos, porque tinha caído mas isso quasi não os afligia, tal fora o perigo medonho de que estavam livres.

Tornaram a parar para descansar e depois voltaram à sua exploração.

O Jaduca, sempre agarrado ao bibe da irmã, pensava ainda na grande gibóia e ia com algum medo de encontrar outra. A Begaga já estava, também, inquieta pois perdera de vista a casa e não sabia como voltar.

Chegados ao pé dum ribeirinho, pararam na impossibilidade de o atravessar, pois não havia ponte e a Begaga calculava que se afogariam naquela impetuosa corrente, se a quizessem passar. Estavam, assim, imóveis em frente do riacho, quando o Jaduca puxou pelo bibe da irmã e disse:

— «Olha mana, que *gande* bicho.»

A Begaga voltou-se e viu, então, um comprido lagarto que estava espalmado em cima dumas pedras, muito quieto.

— «Um crocodilo!» — gritou ela.

— «Um *cacodilo*, ai, um *cacodilo*!» — gritou também o Jaduca, não fazendo idéa alguma do que fosse um crocodilo mas cheio de pavor só de ver a cara da irmã.

Com êstes gritos, o lagarto levantou a cabeça e vendo aqueles intrusos que perturbavam o seu sono, olhou-os por uns instantes e depois sumiu-se debaixo das pedras.

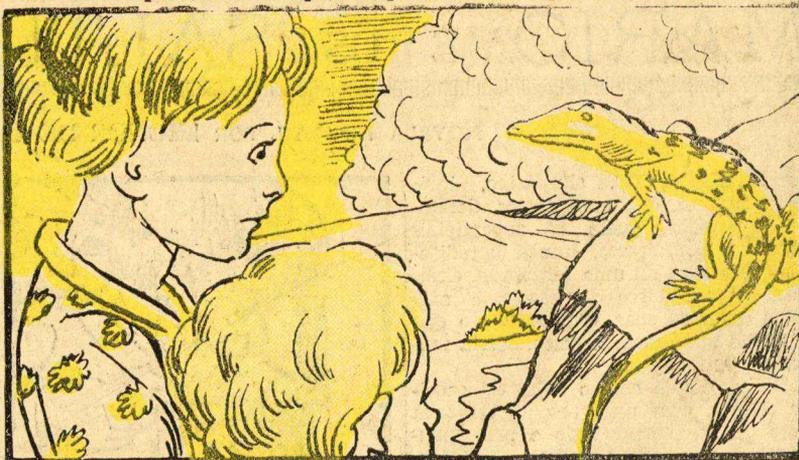
— «Esconde-se para nos atacar! Temos que fugir e atravessar o rio!» — exclamou a Begaga.

Sem pensarem que poderiam morrer afogados, deitaram-se a correr para dentro do ribeiro e já estavam a alcançar a outra margem, quando a pequena tropeçou numa pedrita e caiu estatelada dentro de água. Com medo do crocodilo, levantou-se logo e conseguiu afastar-se rapidamente daquele perigoso lugar. Foi uma nova correria e fadiga. Desta vez foi o Jaduca que teve

de puxar pela irmã, que dificilmente andava, pois tinha perdido um sapato na queda.

No fim da tarde, já os criados, que os procuravam, lá acabaram por encontrá-los mas num estado lastimoso. A Begaga tôda molhada, com o fato feito em pedaços e sem um sapato e o Jaduca com a cara arranhada e os joelhos esfolados.

Depois de terem atravessado uma floresta virgem, de terem fugido duma gibóia e estarem quasi na garganta dum crocodilo, chegaram, finalmente, ao termo da sua exploração e nunca uais tentaram repeti-la. Mesmo a Begaga, não se esqueceu, por muito tempo, dos perigos tremendos que tinha arrostado.



## «CONCURSO DOS BICHOS»

### Aviso aos concorrentes

Coroado dum êxito que excedeu muito a nossa expectativa, o Concurso dos Bichos terá no próximo número o seu desfecho sensacional, com a publicação da lista dos premiados e daqueles que mereceram menções honrosas.

# O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS  
POR ABELHA MESTRA

**E**STA pequenina *Carpette*, que apetece mesmo bordar, vai ser, certamente, para vocês, um dos trabalhos mais agradáveis de fazer, em virtude da sua simplicidade, por ser em ponto cruz e por constituir um lindíssimo adorno para a vossa casinha das bonecas.

Arranjem para isso uma fazenda de lã forte ou, então, um bocado de feltro que se compra a metro.

Arranjem também uns bocadinhos de talagarça onde deverão contar 27 quadradinhos de largo por 31 de comprido, marcando, assim, o tamanho exacto da *carpette*.

Alinhavam a talagarça sobre a fazenda, tendo o cuidado de deixar um pouco a toda a volta, antes de cortá-la, para assim evitar se desfie.

Feito isto, comecem a bordar o ponto cruz, de modo a apanhar, simultaneamente, os dois tecidos.

Guiem-se, então, pelo desenho, contando os pontos deste e os quadradinhos da talagarça, para que assim possa dar tudo certo. Cuidado com a contagem, a-fim-de evitar as trapalhices.

Supondo que o tecido escolhido para a *carpette* é azul, vamos bordá-la com as seguintes cores:

Desenho do centro: — Pontos mar-

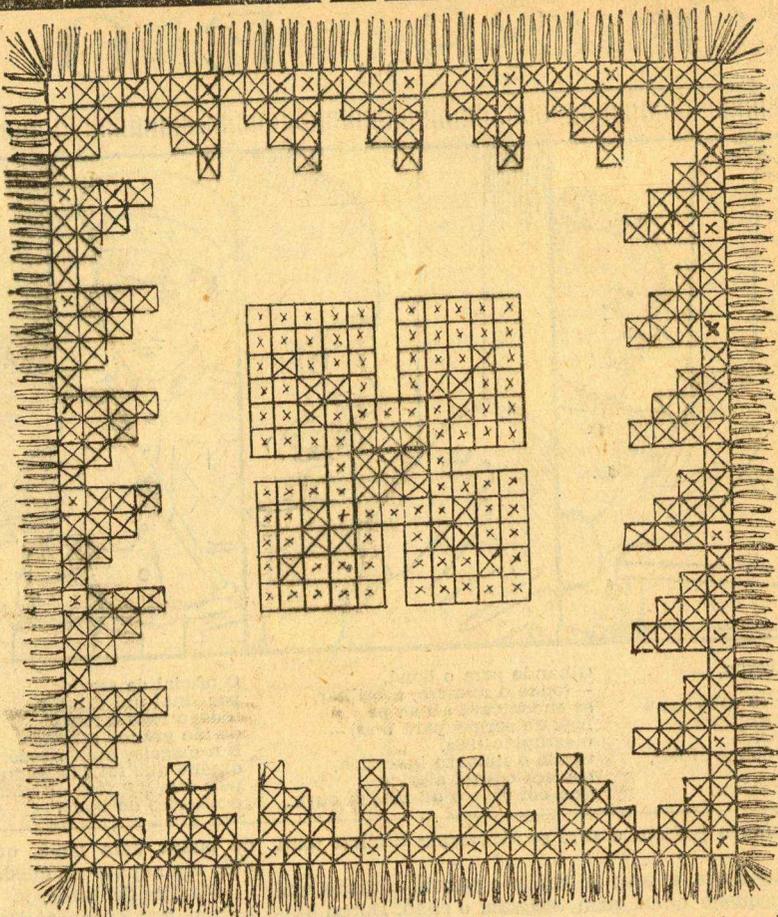
cados com cruz grande, são cor de rosa.

— Pontos marcados com cruz pequena, são bege.

Barra: — Pontos marcados com cruz pequena, são rosa.

Uma franja azul completa o trabalho. Abraças e tôdas, a vossas amiguinha.

ABELHA MESTRA



# MÁRIO E OS SALTIMBANCOS

NOVELA INFANTIL POR LEONOR DE CAMPOS

**I**NTELIGENTE, simpático, insinuante, oito anos fortes, desempenados, quem só superficialmente o conhecesse, nunca acreditaria que estava ali uma fêrazinha. Criados, companheiros de escola e animais eram as suas vítimas. Gato que o Mário apanhasse a geito, sofria traços de polê.

De sociedade com o filho do caseiro, Mário, com uma tesoura, tratava logo de lhe cortar todo o pêlo, poupando-lhe apenas a cabeça. E só largava o pobre bicho, quando completamente tosquiado, a tremer de frio e de medo, ele parecia um leãozinho raquítico e miserável. As galinhas, os patos, o porco viam-se aflitos com as diabruças do endemoninhado. Os criados não podiam aturá-lo. A mínima contrariedade, choviam os pontapés, os socos e beliscões. E com os camaradas da escola, mostrava-se tão petulante e agressivo, que êstes o detestavam. Só o facto de ser filho do doutor Castro, o médico



da vila, evitava que todos reunidos o ensinassem a ser melhor rapaz.

Apenas uma pessoa conseguia por vezes sustar e impedir os desmandos de Mário: sua mãe. E ele, que para todos os outros era impertinente e

mau, junto da mãe fazia-se pequenino, meigo, delicado.

A mãe, D. Cecília de Castro, sofria intensamente com o feito do filho. E dizia-lhe por vezes:

—Se avaliasses o desgosto que sinto com as tuas maldades, emendavas-te. Porque não és tu, para os outros, o que és para mim?

E Mário respondia, acariciando-a:

—Os outros são os outros. E tu... és a minha querida, querida, querida mãezinha!...

—Mas, meu filho, tanto mal fazes, que receio bem sejas um dia cruelmente castigado! E, se alguma desgraça te acontecesse, o meu coração estalaria de dôr!...

Mário, quando D. Cecília assim falava, sentia-se invadir por grande comoção e sinceramente arrependido das más acções, prometia emendar-se. Mas depressa esquecia as promessas.

# ANEDOTAS A D I V I N H A

Entre dois noivos:

Ela: — Ai, Manel, Manel, vens tam lindo, tam lindo. c' até me pareces um Sol. Ele: — Ai Maria Zé, Maria Zé, estás tam linda c'até me pareces uma sola.

Um pequeno perguntou ao pai como começam as guerras.

— Olha — (diz-lhe o pai): Supõe que a Inglaterra tem questões com a Itália.

— Mas — (interrompeu a mãe) — a Inglaterra não deve ter questões com a Itália. —

— Bem sei, mas eu estou fazendo uma suposição.

— O que tu estás é desnorteando a criança.

— Não estou. —

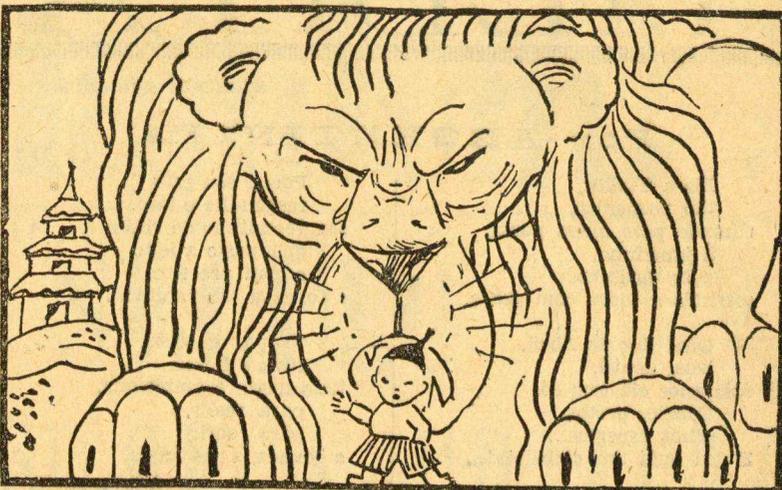
— Ai isso é que estás.

— O mulher, já te disse que não estou.

— Estás, estás e estás.

— O pequeno intervindo:

— Está bem, papá! Já sei como começam as guerras.



Este menino chinês gosta de ouvir contar ao seu avô, que é um sabio mandarim, contos fantásticos de leões e áureos pagodes. Onde estará o mandarim? Vejam se o descobrem.



Ora um dia...

Na vila minhota onde Mário residias com os pais, realizava-se uma importante feira anual. Durante três dias e três noites ninguém sossegava. Pobres e ricos, velhos e novos acotovelavam-se, gritavam, esforçando-se por ver melhor ou fazer negócio de vulto. Viera gente das mais diversas regiões. A Beira, Trás-os-Montes e Douro estavam bem representadas. E até do Alentejo e da Espanha, em grandes bandos, tinham ali acudido ciganos e saltimbancos, que mostravam as suas habilidades, enganando os papalvos e organizando espectáculos.

Estava-se no último dia da feira. Pelas estradas o movimento causava vertigens. Automóveis, camionettes, carros, peões, tudo se mexia em grande barulhada. Moças alrosas, açafates à cabeça, passavam em grupos, a rir e a cantar, enquanto as mãis, um pouco mais atrás, gritando para se fazerem ouvir, palavram dos vizinhos ou lamentavam as suas desgraças.

Todos tinham pressa de regressar a casa.

Pela tardinha, depois de jantar, como o movimento tivesse decrescido muito, D. Cecília resolveu ir dar uma

volta. Acompanhada pelo filho, meteu à estrada. Foram andando, andando. Desapareciam já as últimas casas da vila, quando D. Cecília decidiu descansar.

— «Bem! — disse ela para Mário — Vamos agora sentar-nos uns momentos. O passeio foi grande e ainda temos seguramente uma hora antes que anoiteça!»

E D. Cecília sentou-se numa pedra, disposta a repousar.

Mário sentou-se também. E, de repente, lembrou-se do que nessa manhã lhe dissera o Zé do caseiro:

— «Olhe, menino, quere saber? Fui hoje a casa do senhor abade com um recado da minha mãe. Quando ia a passar no quintal, vi uma pereira carregadinha e apeteceu-me trincar uma pera. Subo à árvore e, nisto, que hei de eu ver? Um ninho cheio de pardalitos. Tive uma vontade de lhe deitar a unha!... Mas não pude. Porque, mesmo nesse momento, apareceu a Marquinhas da Amália que me fistou e me obrigou a descer logo da árvore. Fiquei-lhe com uma gana!...»

E Mário, lembrando-se destas palavras do Zé, pensou:

— «E se eu fôsse buscar o ninho? Escondia-o no pinhal da Maceira, para a mãe não ver e quando chegasse a casa mandava o Zé por êle. O quintal do abade é aqui tão pertinho! E' um instante!...»

E, pondo-se de pé, disse para D. Cecília:

— «Deixas-me ir correr um pedaço, mãizinha? Não estou cansado e custa-me estar sentado muito tempo!...»

— «Pois sim, meu filho. Mas não te afastes muito, porque não quero demorar-me...»

Mário partiu à desfilada em direcção ao quintal do abade. Empurrou o portão e entrou. Com ares de conhecedor, examinou as pereiras. E, a certa altura, encontrou o que procurava.



Subiu rapidamente à árvore e tirou o ninho. Mas, no momento em que êle se preparava para descer com a sua presa, apareceu a mãe dos passarinhos, que, toda afadigada, tinha ido procurar o sustento dos seus filhos. Vinha contente, a chilrear. Ao ver a atitude de Mário, a sua alegria transformou-se em desespero. Louca de dor, atirou-se ao ladrão, tentando salvar, defender os pequerruchos. Mas êle, nos lábios um sorriso mau e trocista, apertou bem as pernas em volta do tronco da árvore, passou o ninho para a mão esquerda e com a direita... zás!... deu uma violenta pancada na cabeça da pobre mãe. Esta caiu, atordoada. E Mário fugiu para o pinhal, levando consigo o ninho, dentro do qual três pardalitos implumes gritavam pela sua mãizinha, em *piu-pius* arripiantes...

Na estrada, agora, apenas de longe em longe passava gente. Por vezes um carro de bois, com retardatários, cortava o silêncio da tarde, a sua chiada monótona e embirrenta a implicar com os nervos de quem a ouvia. A feira há muito já se desfizera.

Mário atravessou a estrada, um pouco abaixo do sitio onde a mãe o esperava e entrou no pinhal. Escondeu o

# « TILDITA »

A' minha afilhadinha

## Por ARGENTINITA

Eis a Tildita,  
tão pequenita,  
olhando para quem passa,  
à janelinha,  
pela tardinha,  
sorrindo a todos com graça.

Qual flôr de Abril,  
bela, gentil,  
dois anos ela tem só.  
Cabelos pretos,  
olhos espertos...  
E' tal qual um «bibelot»!...

Ao ver um cão:  
— «E' o papão!...»  
Diz ela, cheia de medo!  
Mas seu «Tareco»,  
como um boneco,  
é para ela um brinquedo.

Que tropelias,  
e que arrelias  
faz sofrer ao póbrezinho!  
mas logo, (ai vede)  
perdão lhe pede,  
dá-lhe beijos no focinho!

A' bonéquita,  
algo esquisita  
mas que era tanto a seu gosto,  
tanto lhe qu'ria,  
que o pranto, um dia,  
inundou seu lindo rosto.

Pois o seu gato  
rasgou-lhe o fato,  
seu vestidinho de chita,  
que, posto a jeito  
e com preceito,  
a tornava tão bonita!...

Trapos de cores,  
fitas e flores,  
tudo quiere e ambiciona,  
para vestir,  
para cobrir  
a boneca, a sua mona.



Um termo que ela,  
achando-a bela,  
emprega sem desprimor!  
Pois docemente,  
muito contente,  
beija-a sempre com fervor.

Quando ela sai,  
consigo vai,  
não lhe aconteça algum mal!  
Leva-a com jeito,  
juntinha ao peito  
com seu gesto maternal.

\*  
\* \*

Minha Tildita,  
tão pequenita,  
és pra mim um doce bem!  
Deus te dê vida  
doce e comprida,  
nos braços da tua mãe!



ninho atrás dum muro e colocou sobre este uma cruz formada por duas pernas de giesta. Era o sinal de antemão combinado com o Zé da caseira, e habitual em todas as maroteiras.

Ora enquanto Mário se atarefava, parou na estrada, perto d'ele, uma carroça de ciganos saltimbancos. E Mário ouviu uma voz muito grossa que o interpelava:

— «Pcht! ó moço! que estás fazendo aí, hein?»

Mário voltou-se. Um homenzarrão mal encarado, sujo e andrajoso, desceu da carroça e esperava a resposta. Mário não era paciente, nem medroso. Porisso, enraivecido com as maneiras do cigano, respondeu desdenhoso:

— «E você que tem com isso? Já comeu o pão no prato para me tratar por tu?»

— «Ai o meúdo, que é refilão!...» — exclamou o cigano. E encarando um outro homem, que da porta da carroça os olhava, interrogou:

— «Que te parece, ó Vicente?»

O outro acenou com a cabeça. E o cigano, sem mais palavras, agarrou Mário, levantou-o nos braços como uma pena e correu para o carro.

Um grito desgarrador, impressionante se ouvia.

D. Cecília, cansada da demora do filho, resolvera procurá-lo. Chegava pre-

cisamente nesta altura. Em corrida desesperada alcançou a carroça quando esta principiava a andar.

— «Meu filho! Meu filhinho!...»

Estalou uma chicotada. E a senhora, a escorrer sangue, ficou estendida na

estrada, enquanto a carroça partia, a todo galope!...

\*

A ti-Maria do Monte regressava da feira, vergada ao péso dos seus setenta anos e dum grande açafate carregado de milho e de centeio.

Filhas e filhos tudo abalava já, à sua frente, perdidos em ranchos animados, a rir e a folgar

Só ela, velhinha e trôpega, se fóra deixando ficar para trás, na esperança de que ainda aparecesse um carrito de vizinhos que a transportasse. Des-cuidada seguia o seu caminho, quando de súbito estacou, aterrada:

— «Aqui d'el-rei!... Aqui d'el-rei!»

E pousando o açafate, largou a correr, em direcção a casa do abade. E apenas ali chegou, desatou aos sócos à porta, gritando:

— «Acudam! Acudam! Mataram a senhora D. Cecília do senhor doutor!...»

— «Que diz você, mulher?» — interrogou o senhor abade, acudindo aos gritos.

— «Vi-a eu, com estes olhos, à senhora D. Cecília!... Estava morta, encharcada de sangue, no meio da estrada!...»

O abade ficou perplexo:

(Continúa no próximo número)

## ADIVINHA



Meus meninos. — Vejam se descobrem onde está o dono d'este gatinho.